

FERNANDO AMADO

PEÇAS DE TEATRO

Organização de TERESA AMADO e VÍTOR SILVA TAVARES

Prefácio de AUGUSTO SOBRAL



BIBLIOTECA DE AUTORES
PORTUGUESES



5

lailão sinistro... «Adjudicado!», grunhi a voz do pregoeiro. E a minha companheira foi desaparecendo, raptada pelo vendador... Tornou mais tarde a frequentá-la num salão hostil, entre curvaturas, como refém. Lembra-me a Infante Santa a guarda dos incensos. Naquela trouxa de luxo, ainda me levava irresistivelmente a memória dos tempos felizes, a minha alma lá morrendo, largando farrapos... Então, esta noite, não sei como nem porque, fiquei ali. Dois braços conhecidos se estenderam. Um sorriso me chamou, incitou a partir.

Sóbria um ruído cresce no silêncio.

Uma Voz (gritando) — Agarra que é ladrão!

A voz voa. Brada. O ruído amarece.

O Censor — É tarde. Levantou-se uma angústia fria. (Sobe a geleira do casaco, hasteia em movimento a mão)

O Homem — O MEU AMIGO BARROSO também ali mergulha na noite.

1955, *O Meu Amigo Barroso*, ed. Centro Universitário de Lisboa. Representado em: 1947 (dir. Fernando Amado, Teatro do Ginásio), 1957 (Luís Jacobetty e José E. Sasportes, Colégio Moderno, Lisboa), 1958 (dir. Fernando Amado, Teatro Nacional D. Maria II), 1959 (dir. Fernando Amado, bar A Mansarda), 1961 (dir. Fernando Amado, *atelier* de escultura), 2000 (dir. Norberto Barroca, Teatro da Trindade).

O MEU AMIGO BARROSO

Debucho teatral

PERSONAGENS

O DONO DA CASA

O VISITANTE



Saleta de visitas num apartamento; prédio de andares. Mobiliário qualquer, sem carácter definido. Ao fundo, alguns livros em estantes; ao centro, mesa redonda, sobre a qual algumas ilustrações, uma caixa de cigarros, um cinzeiro, um jornal aberto. Em cena, o dono da casa, sentado ao pé da mesa. Parece reflectir; vê as horas.

O DONO DA CASA — O Barroso costuma ser pontual. Um pouco distraído, mas pontual. Diz que aprendeu a sê-lo no estrangeiro... Inglaterra, Suíça, Noruega, Holanda... De resto ele tem a mania do estrangeiro. É bastante *snob*... Em compensação, desenruga, entretém. Ainda anteontem no café, sentado em frente de mim, falou, falou... Terá metido a sua peta... Deixá-lo. Haja tolerância para quem diverte! (*Ouvem-se muito nítidas, a cortar o silêncio, dez badaladas.*) Dez horas... (*Pega no jornal; logo em seguida, porém, dobra-o e repõe-no.*) Não consigo prender os olhos à leitura. Sinto a imaginação ocupada pelo Barroso. Desde que esta tarde ele me telefonou inesperadamente, atravessou-se-me na vida... É isso, não resta dúvida. A imagem do Barroso — enquanto o Barroso não chega — está atravessada na minha vida.

Toque de campainha. O Dono da Casa levanta-se e sai. Torna pouco depois.